

Uma semana inteira de co

Cláudio A. Pinto Galvão

O ano de 1922 trouxe para os brasileiros em motivo muito especial para comemorações: o 1 centenário da independência política do País. Em Natal, particularmente, o fato foi condignamente comemorado com festividades durando uma semana inteira. Foi, certamente, o fato mais longamente festejado em nossa cidade. Hoje, passados setenta anos, vale a pena recordar aqueles momentos de alegria e emoção vividos pelos natalenses e que tantas conseqüências benéficas trouxe.

A idéia nasceu no Instituto Histórico e Geográfico numa sessão realizada a 10 de setembro de 1916, àquele momento sob a presidência do coronel Pedro Soares de Araújo e unanimemente aprovada pelos sócios presentes.

Quatro anos depois foi dado um passo decisivo: o deputado dr. João Vicente da Costa propôs ao Congresso Legislativo do Estado uma resolução, que ao ser aprovada, tornou-se a Lei nº 490, de 1 de dezembro de 1920. Através dela estava o Governador autorizado "a despender até a quantia de cem contos, repartidamente pelos dois exercícios de Independência nesta capital". Autorizava, ainda, ao governador, a incumbir ao Instituto Histórico e Geográfico de organizar o programa de comemorações. Governava, para o quadriênio de 1920-1924, o dr. Antônio José de Mello e Souza e o secretário geral do Estado era o dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara.

Havia um plano de se erigir um monumento que marcasse permanentemente o momento. A vinda a Natal do escultor brasileiro A. Bi-



Momento histórico na Praça 7 de Setembro é lembrado

À noite, algo desconhecido pelos mais jovens: uma "Festa Veneziana" no Potengi. Dezenas de embarcações dos mais diversos tipos desfilaram, iluminadas, ao som de bandas de músicas e ao espoucar de fogos de artifício; espetáculo inesquecível e muito comum na Natal do começo do século.

Na segunda-feira, dia 4, o "Dia da Prosperidade". Começou com uma visita ao Forte dos Reis Magos que, de tão distante (naquele tempo...), foi feita através de barcos saídos do cais Tavares de Lyra. Uma placa foi ali afixada.

À tarde, na Associação Comercial, solenidade, discursos e a inauguração de uma exposição de pintura e cerâmicas da senhora Neusa Gluck de Britto Guerra.

Às 17 horas partiu dali um curso de automóveis que percorreu as principais ruas onde se realizavam batalhas de confetis e lançaperfumes perfeitamente legais, naquele tempo... "Foi a nota chic dos festejos".

O dia 5, "Dia da Força", come-

sicistas diversos. A direção dos conjuntos esteve a cargo dos maestros italianos que aqui viviam, Luigi Maria Smido e Thomaco Babini. Esta parte foi encerrada com a apresentação do Hino do Centenário da Independência, letra de Nestor dos Santos Lima e música de Luigi Maria Smido, pelos corais das Escolas Normal e Doméstica, e orquestra do Teatro.

A última parte do programa daquele noite apresentou ao público os vencedores do concurso de canções instituído pelo governo do Estado. O resultado foi o seguinte: "Caminho do Sertão" de Auta de Souza; primeiro lugar Abdon Trigueiro; segundo lugar, Eduardo Medeiros. "De Natal ao Pará", de Ferreira Itajubá, foi ganho por Virgílio Carneiro, tendo como segundo lugar, José para José Sinésio Freire. As composições foram cantadas por Benvinda Santiago e Luíza Gomes, acompanhadas por uma orquestra-serenata, dirigida por Abdon Trigueiro.

Finalmente, o 7 de Setembro. O

tes acontecidos em Natal. No seio das entidades privadas e no interior do Estado as comemorações foram, igualmente, devidamente realizadas.

Dois acontecimentos não oficiais valem a pena de serem destacados, pela importância que tiveram e ainda têm na vida de nossa cidade.

A primeira delas, o raid que pescadores pertencentes à então "Colônia José Bonifácio", realizaram ao Rio de Janeiro, a bordo de três frágeis barcos de pesca.

Vale a pena recordar os nomes dos realizadores de tão corajosa façanha. No barco "República" ia a seguinte tripulação: Philadelpho Thomás Marinho (mestre), Opeiriano Paulino da Silva, Sebastião Paulino da Silva, e João Miguel Félix. No "Íris": Francisco Cândido de Oliveira (mestre), João Soares do Nascimento, Manuel Duarte e Benjamim Alves Mendonça. O "Pinta" tinha a seguinte tripulação: Manuel Claudino da Silva (mestre), Manoel Olympio de Sant'Ana, Manoel Reinaldo e Manoel Reinaldo e Manoel Claudino da Silva Filho. Partindo de Natal a 27 de agosto, chegaram ao Rio de Janeiro a 19 de setembro e retornaram à sua cidade, a bordo de navio de passageiros, a 19 de outubro.

Na ocasião da partida e quando da notícia da chegada no Rio de Janeiro, os natalenses vibraram de entusiasmo e comemoraram com a passeatas e discursos de inflamados oradores. A chegada a Natal, entusiasta recepção: desfiles, discursos, missa campal, fogos de artifício, tudo, enfim, a que tinham direito os bravos "raid-mem". Este fato, embora não pro-

biano Silva enjejou a celebração de um contrato e o seu trabalho custaria quarenta e cinco contos de réis.

O Instituto Histórico planejou, com minúcias e detalhes, as festividades. Como exemplo desse cuidado, notes-se que o sócio dr. Nestor dos Santos Lima propôs que a inauguração do monumento deveria se realizar às quatro e meia da tarde, exatamente na hora em que D. Pedro I proferia o célebre grito às margens do riacho do Ipiranga.

Todas as entidades sociais, políticas, educacionais, religiosas, militares e culturais da cidade foram chamadas a opinar e colaborar. O extenso programa foi, efetivamente, realizado.

O Decreto 117, do governo do Estado, instituiu, a 29 de abril, um concurso visando a estimular a composição musical dos autores locais. Premiaria os três musicistas que produzissem a melhor melodia para ser posta em três poesias de autor norte-rio-grandense. Além do prêmio, quinhentos mil réis para o primeiro lugar, as peças seriam impressas por conta do Estado e distribuídas gratuitamente. Uma comissão composta pelos doutores Sebastião Fernandes e Antônio Soares de Araújo, professores Francisco Ivo, Ezequiel Wanderley e Virgílio Trindade escolheram as poesias a serem musicadas: "De Natal ao Pará", de Ferreira Itajubá; "Caminho do Sertão", de Auta de Souza e "Olhos", de Segundo Wanderley.

As festividades foram iniciadas no domingo, dia 3, com o "Dia da Colonização". Às 13 horas foi realizada grande disputa de remo no Rio Potengi. As tradicionais agremiações Centro Náutico Potengi e Sport Clube de Natal foram as responsáveis pelo evento. Vale a pena lembrar que, naquela época, o futebol não era, ainda, o esporte mais popular. As regatas levavam grande público às margens do Potengi para assistir às disputas náuticas. Os domingos festivos à beira do rio foram, muito lamentavelmente esquecidos, e o esporte do remo amarga uma triste decadência.

cou às 4 horas da madrugada com uma alvorada em frente à residência do governador pelas bandas de música do 29 Batalhão de Caçadores (Exército), Batalhão de Segurança (Polícia Militar), Escola de Aprendizes Marinheiros e Escoteiros do Alecrim. Seguiu-se uma passeata pelas ruas da cidade.

Das 13 às 17 horas, na praça Pio X — um vasto campo onde hoje está a nova catedral — foram realizadas provas, corridas, demonstrações de ginástica, a cargo das corporações militares. Em seguida, escoteiros da capital e do interior desfilaram e cumprimentaram o Governador em sua residência.

À noite realizou-se a primeira manifestação artística: a "Serenata dos Tempos Antigos e Modernos", no então Teatro Carlos Gomes. A direção esteve a cargo do sr. Deolindo Lima e apresentou, na primeira parte referente aos tempos antigos, canções da autoria de norte-rio-grandenses do século passado. A segunda parte mostrou canções de autores contemporâneos. A festa terminou com uma conferência do Tenente Creso Monteiro sobre a Independência e a apresentação de uma apoteose ao Brasil. Todas as bandas de música tocaram à porta do Teatro.

O dia 6 intitulou-se "Dia das Letras e das Artes". Começou às 8 horas, na praça Augusto Severo, quando o dr. Sebastião Fernandes proferiu discurso em homenagem a Nísia Floresta. Presença massiva de público, famílias e delegações escolares.

Já às 13 horas o Teatro Carlos Gomes estava lotado para "Hora dos Poetas": poetas do momento proferiram conferências sobre poetas natalenses do passado.

À noite, novamente o Teatro Carlos Gomes ficou lotado para a realização do "Grande Concerto Coral e Instrumental", com a participação da banda de música do Batalhão de Segurança, corais das Escola Normal e Doméstica, (duzentas e setenta vozes), orquestra de cordas da Escola Doméstica, a grande orquestra do Teatro e mu-

dia nasceu festivamente, ao som das alvoradas e foguetões. Um altar foi erguido na avenida Rio Branco, no atual Grande Ponto, em frente ao prédio do Natal Club (atual Banco Nacional). Às 8 horas foi celebrada missa solene pelo Monsenhor Alfredo Pegado, presentes o governador, autoridades e povo. Após a missa, as tropas que já se postavam na avenida Rio Branco desfilaram em continência ao Governador.

Às 12 horas foi inaugurado solenemente o novo prédio da Intendência Municipal (Prefeitura), obra do construtor Miguel Micussi. Discursou o vice-presidente da Intendência, sr. Fortunato Rufino Aranha que, naquele ano, exercia a presidência.

Em seguida, às 13 horas, recepção oficial no Palácio do Governo; autoridades cumprimentaram o governador Antônio de Souza.

Um dos pontos altos das comemorações foi a inauguração do monumento, no centro da praça 7 de Setembro. O dr. Nestor dos Santos Lima, diretor da Escola Normal e do Grupo Escolar Modelo, organizou um préstito de escolares e povo que, tendo à frente bandas de música, subiu a avenida Junqueira Aires em direção ao Palácio. A estátua, da autoria do escultor brasileiro A. Bibiano Silva e montada sob pedestal de granito de Lajes confeccionado por Miguel Micussi, apresenta uma alegoria à Independência do Brasil. O governador Antônio de Souza proferiu seu discurso e as alunas das escolas Normal e Doméstica cantaram o Hino do Centenário. A praça estava iluminada e, em frente ao Palácio, escudos igualmente iluminados evocavam datas, nomes e fatos relacionados com a Independência. Depois do discurso do padre Pedro Paulino, foi celebrado solene "Te Deum" pelo governador do Bispado, Monsenhor Alfredo Pegado.

Às 20 horas, na praça André de Albuquerque houve queima de fogos de artifício e cinema campal na praça Gonçalves Ledo.

Este relato refere-se, apenas, aos fatos oficiais e mais importan-

gramada pela comissão das comemorações, teve grande êxito e vasta repercussão popular.

Enquanto a cidade comentava a façanha dos pescadores um grupo de amigos comemorava o fato numa noiteada boêmia num bar do "Paço da Pátria". Entre eles, o poeta Othoniel Menezes que, na qualidade de orador do club náutico Sport Club de Natal, vibrava de entusiasmo. Era a noite de 18 para 19 de outubro; no dia seguinte chegariam os pescadores e imaginava-se como seria a recepção. Uma imagem poética acorreu, então, à sua imaginação: um pescador que chegava da pescaria e, depois de enfrentar os perigos do mar, dirigia-se à casa de sua amada praieira e cantava para ela em serenata.

Tudo bem em sintonia com o clima em que se vivia. Ali mesmo começou a rabiscar o poema que pensou - declamaria na chegada dos pescadores. No dia seguinte, evaporado o álcool e baixado um pouco o entusiasmo, Othoniel verificou que o poema que fizera não cabia bem numa ocasião daquelas, onde ficaria melhor algo mais vibrante. Decidiu que deveria declamar a poesia "Cântico da Vitória", também de sua autoria, o que efetivamente fez. Comentou o fato com o colega poeta Joaquim Alves BEZERRA JÚNIOR, que gostou da nova poesia e sugeriu que a levassem ao musicista Eduardo Medeiros e lhe pedissem para musicá-la. Alguns dias depois Eduardo Medeiros cantou para Othoniel a melodia que criara. Nascia, assim, a canção "Serenata do Pescador", que ficaria conhecida, também, como "Praieira", a mais popular de nossas canções nativas e seria considerada "Canção Tradicional da Cidade" por ato da Câmara dos Vereadores.

Passados setenta anos, o esforço de tantas pessoas merece ser lembrado pela sua dedicação e carinho para com a nossa cidade. O testemunho de seu afeto fala por elas na grandiosidade de um edifício, na importância de um monumento, como também na fugacidade e singeleza de uma canção.